

NARRATIVAS DE INFÂNCIA DE HOMENS E MULHERES CAMPONESAS

Marilda Aparecida de Menezes (marildamenezes@uol.com.br)

Profa. UFCG- Programa de Pós-Graduação de Sociologia e Depto. Soc. e
Antropologia -UFCG

Introdução

Este artigo pretende compreender o significado do trabalho de crianças em famílias camponesas a partir das memórias de infância de homens e mulheres, com idade variando entre 40 e 80 anos. Nas suas narrativas, o trabalho emerge como uma experiência central, concorrendo com a escolarização e as atividades lúdicas. Utilizamos a metodologia da história oral - histórias de vida e entrevistas semi-estruturadas de 34 pessoas, sendo 25 mulheres e 9 homens. Eles são pequenos proprietários e rendeiros do município de Fagundes, localizado na mesorregião do Agreste Paraibano, Nordeste do Brasil. . Para tratar do tema da memória nos apoiamos em Halbwachs (1990). Ao invés de estudar a memória em si, isolando-a no indivíduo, Halbwachs propõe-se a analisar os “quadros sociais”. A lembrança individual passa a estar relacionada com os grupos e instituições nas quais o indivíduo se inclui, tais como a família, a classe social, a escola, a igreja, ou o trabalho. Assim, a memória “individual” sempre está relacionada à memória do grupo. O passado já não vai ser mais mantido no inconsciente de forma autônoma e inteira. A lembrança individual é acionada como resultado de uma influência da situação presente. Lembrar não é viver mais uma vez no inconsciente, mas um ato de reconstrução do que foi vivido no passado utilizando elementos do hoje, tais como imagens e idéias. Não obstante o seu traço de singularidade seja elevado, a lembrança vai sempre ser construída baseada nos elementos que se encontram nas representações atuais; mesmo sendo a imagem que alguém tem da infância, uma vez lembrada, esta não é mais a mesma, conseqüência inevitável do processo de mudança intelectual e perceptiva sobre o qual todos os membros de uma sociedade são submetidos. Seja qual for a alteração sofrida pelo ambiente e, conseqüentemente, pela pessoa, esta acarreta uma transformação do passado. Assim, entendemos que a memória de infância de homens e mulheres camponesas não é um retrato do modo de como a infância foi realmente vivida, mas uma narrativa dessa experiência passada a partir da identidade dos seus sujeitos no presente.

O relato sobre o passado marca o pertencimento do indivíduo ao grupo, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência (Pollak, 1992) Tomando como referência essas perspectivas, o estudo da memória de homens e mulheres em famílias de camponesas contribui teoricamente para a compreensão de suas identidades. Nas narrativas de infância, o trabalho emerge como uma experiência central, ele é interpretado não apenas como uma atividade produtora das necessidades materiais, mas como um valor que confere dignidade e honra aos indivíduos e família. A memória do passado é não só um discurso sobre o passado, mas presente atuar sobre e representar o presente, reatualizar a forma de educar os filhos no passado é um discurso para legitimar uma concepção de educação de crianças no presente. Assim, “a memória do passado é tão mais importante quanto mais interfere nas relações sociais do presente” (Woortmann, 1998: 99)¹.

TRABALHO DE CRIANÇAS E SOCIALIZAÇÃO

Há várias formas de trabalho infantil, dentre eles estão: o remunerado, o qual é realizado por condições penosas por crianças e adolescentes, tendo, portanto, o caráter que impede o crescimento humano, seja no âmbito físico, social, moral e profissional; a outra forma de trabalho infantil, fundamentada na transmissão de saberes e construções de profissões e condição de herdeiros, como no caso do trabalhador artesanal ou do agricultor familiar. Esse tipo de trabalho infantil não retira da criança e do adolescente as condições penosas e prejudiciais ao crescimento físico, social, moral e profissional da criança e do adolescente (Neves, 1999).

Em excelente trabalho sobre a família camponesa, Heredia identifica a participação dos diversos membros da família no trabalho agrícola –homens, mulheres e crianças, Heredia (1979) mostra a produção conjunta dos membros no roçado sob o controle do pai como chefe de família. Além dos roçados familiares, os filhos começam a ter roçados individuais em geral entre os 10 e 12 anos. O processo de aprendizagem iniciado no roçado familiar é reafirmado nos roçados individuais:

“os roçados individuais têm uma importância significativa no processo de socialização dos membros da unidade. Essa socialização refere-se tanto à aprendizagem e adestramento das técnicas, como à formação de comportamentos adequados ao trabalho agrícola. Constitui também uma forma de internalização das normas do grupo, preparando-os fundamentalmente para a unidade que cada um deles constituirá no futuro”. (Heredia, 1979:107-8).

Na perspectiva de Heredia, o trabalho de crianças é tanto uma forma de aprendizagem das atividades agrícolas quanto a construção da identidade do indivíduo conforme a cultura do grupo. Neste sentido, se explicaria pela organização social da produção familiar, que se baseia na divisão de tarefas por gênero e idade, mas também por um conjunto de valores e moral que são transmitidos de forma transformada de geração em geração. Segundo Fukui (1979:154) “de um modo geral, a criança é considerada um ser rebelde que deve se tornar submisso e dócil para com os adultos, deve trabalhar e cumprir suas obrigações familiares. Os castigos tendem pois a diminuir na medida em que a criança se submete às pressões dos adultos”.

As narrativas dos homens e mulheres enfatizam a importância do trabalho na sua infância bem como na educação de seus filhos, como mostram as representações de Sr. Antonio e D. Taninha:

Sr. Antonio e sua esposa, Dona Taninha, se esforçam muito para motivarem os filhos a estudar. Sendo pequenos proprietários de 1,5 ha de terra e dono de uma pequena mercearia no sítio tem, apesar de ter uma posição social similar aos moradores do seu sítio, apresenta uma certa diferenciação social. Ao revisitar a sua infância a partir da sua visão de mundo do presente, ele esboça uma pequena crítica à mentalidade dos pais que « não se interessavam pelo estudo dos filhos »

Para Dona Taninha, a centralidade do trabalho na socialização das crianças persiste na vida social atual e é representado como sendo « o ritmo do lugar e da criação »:

D. Taninha: _ Por que eu acho que era o ritmo do lugar e da criação, né? O que se conhecia só era isso aí, só era trabalho mesmo.

Marilda: _ Mas era uma coisa que para os pais era importante na educação das crianças, eles irem trabalhar no roçado?

D. Taninha: _ Era, por que foi o que os pais seguiram, os pais já foram criados assim e já

foram criando os filhos assim. Estudar, se contava a pessoa que estudava, mas depois que fizeram esse grupo aí, foi quando veio melhorar a escola aqui nesse sítio.

Marilda: _ E a senhora tinha vontade de ficar mais brincando, vivendo como criança do que trabalhar ?

D. Taninha: _ Não eu gostava de trabalhar mesmo, sei lá parece que era o meu destino mesmo (risos). Ninguém tinha mesmo nessa época essa liberdade de só brincar não e, sim trabalhar. Agora não era obrigado pelo pai, dizer assim – vai ter que trabalhar forçado não – era porque era o estilo mesmo, só conhecer mesmo o trabalho.

Marilda: _ E ainda hoje, você educa as crianças dessa forma?

D. Taninha: _ Não. Hoje é toda criança na escola.

Marilda: _ Elas não trabalham mais no roçado?

D. Taninha: _ Não. Quando eles trabalham, é fora do horário da escola, se estudar de tarde, trabalha até onze horas, dez horas. Meus filhos estudam de manhã, trabalha de tarde, no roçado.

Marilda: _ Mais ainda hoje, as famílias educam as crianças trabalhando no roçado?

D. Taninha: _ É, porque a pessoa sendo como pobre, tem que aprender as duas coisas, e se chegar uma fase difícil na vida a pessoa tem que enfrentar. Enfrentar a escola e o trabalho, na minha opinião. Pronto, Elisandro mesmo o meu caçula, ele vai estudar de tarde e de manhã ele tem que ir para o roçado pra conhecer o que é trabalho, não é forçado, nem explorado não, é pra ver como é. Eu acho que maltratar é quando a pessoa briga, se acontecer de falar – ah eu não quero ir de jeito nenhum e obriga a ir – aí eu acho que já é um maltrato, mas assim por “esporte” não.

Ao entrevistar Dona Taninha, sentimos que o seu discurso sobre o trabalho das crianças atualmente estava referenciado pelo Estatuto da Criança que proíbe o trabalho para menores de 16 anos. Assim, justifica: « Não é trabalho forçado, nem explorado não, é pra ver como é ». O trabalho como socialização é representado na frase « ir para o roçado, conhecer o que é trabalho »

A importância do trabalho como aprendizagem no espaço doméstico é também destacado por Thompson com relação a socialização de crianças entre os plebeus no século XVIII, Thompson diz:

' A aprendizagem como iniciação nas destrezas adultas não está limitada a sua expressão industrial regulamentada. A menina faz seu aprendizado de dona de casa, primeiro com sua mãe (ou avó), depois como criada doméstica; como mãe jovem, nos mistérios da criação dos meninos, se processa o aprendizado das matronas da comunidade' (Thompson, 1979: 42).

Este saber transmitido através de gerações não se transforma no mesmo ritmo das mudanças a nível sócio-econômico. Assim, mesmo com o processo de pauperização dos pequenos produtores, onde a família tem acesso limitado à terra, bem como a equipamentos de trabalho ou quando o acesso à escola se torna mais fácil, os valores, práticas sociais, costumes continuam sendo referência nas condutas sociais.

'Mesmo que se mude a vida social, mesmo que haja grande mobilidade, as mudanças não alcançaram o ponto em que se assumem os horizontes de que as gerações sucessivas seriam diferentes (...) Assim as práticas e normas se reproduzem de geração em geração no ambiente lentamente diferenciador do costume' (Thompson, 1979: 43)

As análises de Thompson sobre o século XVIII identificam que o avanço da cultura letrada e a alfabetização dos plebeus era combinada com a cultura baseada na transmissão oral entre gerações.

Ao analisarmos a memória de infância de mulheres e homens entre 40 e 80 anos, verificamos a continuidade do aprendizado transmitido através do fazer, ver e ouvir, ou seja, do aprender-fazendo e da transmissão oral. As narrativas revelam não apenas a vida difícil, mas o trabalho como um valor no processo de socialização de meninos e meninas. A maioria das narrativas das mulheres e homens evocam o sofrimento na infância devido à necessidade de trabalhar na agricultura, pois as famílias eram numerosas e o pai e mãe – provedores do lar – não conseguiam dar conta do sustento sozinho.

Uma de nossas informantes, dona Raquel, 64 anos, relata sua experiência de trabalho na infância. Ela mora sozinha com o marido, Sr. Arlindo, já que seus filhos moram em outros estados – Rio de Janeiro e Ceará. Durante alguns anos migrou com o esposo para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como empregada doméstica. Dona Raquel foi entrevistada três vezes, se mostrava sempre muito receptiva e falava espontaneamente sobre qualquer assunto. Apesar de sua disposição e dinamismo, está frequentemente falando que está cansada, velha, está no fim da vida. Ao narrar sobre o trabalho, Dona Raquel continuava no mesmo entusiasmo, sem expressar o pesar que é recorrente nas falas dos nossos informantes quando se remetem ao período da infância. Ao perguntarmos, no início da entrevista, como foi a sua vida, ela respondeu :

“A minha vida de sete anos para cá foi trabalhar na agricultura. Não tive estudo, trabalhei na agricultura, limpei mato, apanhei fava, quebrei milho, carreguei lenha, essa é minha vida, né? Já hoje a minha vida é mais melhorzinha um pouco, porque não faço estas coisas, mais minha vida foi essa: pra estudar, ia pro roçado, apanhar fava, depois enchia o saco de fava, depois deixava lá, cheio, almoçava, ia pr’uma escola assim, mais ou menos esta hora, é o quê doze e meia, aí ia pra escola, quando voltava da escola pegava aquele saco de fava, botava na cabeça, pra trazer quase uma légua prá casa na cabeça, e, depois de casada, eu também trabalhei muito na agricultura, trabalhei na agricultura, criei quatro filhos, três filho no maior sufoco da vida, que não tinha nada nesse tempo não tinha nada não, nós nem casa ninguém tinha, nem coisa nós tinha, e o marido, a vida do marido, era a vida no Rio de Janeiro pra mandar alguma coisinha pra casa, um trocado né?! Que esse dinheiro antigo não sei, mas era pior que esse hoje, não era Maria?(Dona Raquel, Sítio Trapiche).

Dona Raquel narra a vida na infância e, em seguida, a de casada, enfatizando não só o trabalho, mas “muito trabalho”. Ao relatar de forma seqüenciada a experiência de criança e de casada mostra a continuidade entre as duas fases da vida: “infância” e “adulto”, sem demarcar um período da juventude. Essa continuidade está sintetizada na sua frase inicial: “minha vida de sete anos para cá foi trabalhar na agricultura” .

A tentativa de conciliar trabalho, estudo e brincadeiras quase sempre recai no ônus para esses dois últimos. O desejo de brincadeira, "natural" na infância, é suplantado pela necessidade de trabalhar para ajudar no trabalho do roçado. As narrativas revelam a vontade de frequentar a escola e extravazam o sofrimento causado pelo trabalho pesado, como é o caso de Sr. José Adelino, 75 anos.

M: Seu José gostaria que o senhor falasse um pouco sobre sua infância como foi ...

J : Há minha filha eu vou dizer um bocado viu, minha infância prá vista da de hoje, olhe eu não pude estudar naquela época que nem você, que nem todo mundo sabe que eu mesmo não sei ler porque? porque meu pai não podia me botar na escola. Meu pai só me educou somente no cabo da enxada, com sete anos de idade eu comecei a trabalhar era uma coisinha desse tamaninho (gesticula indicando uma altura aproximadamente de uns meio

metro) ainda hoje me lembro a primeira vez que eu fui no roçado, meu pai fez meio saco de feijão para eu trazer do roçado entendeu? E começa sem poder pagar as escolas que naquele tempo o povo prá poder estudar tinha que se paga.

Sr. José não fala de sofrimento, trabalho pesado, mas narra sua infância como fase da vida associada « ao cabo de enxada », sem a possibilidade de estudar.

A ausência da infância é associada à falta de brincadeiras ou tempo para brincar nessa fase da vida. A experiência do lúdico torna-se invisível em lembranças marcadas pelo trabalho desde tenra idade. Quando interrogados se brincavam muito quando crianças, a resposta mais comum é que não brincavam, só trabalhavam.:

Maria – Ô dona Benedita, e ela (a madrastra) deixava vocês brincarem?

B – Mas minha filha, a gente era escrava para tudo na vida!

M – E fazia o quê?

B - Carregava água daqui, do açude de seu Pedro Neves para (...), onde a gente morava (...) agora, carregava para pasto de gado todinho (...) no mato (...) meio dia, de tarde buscar, botar lenha, sabe? Só não fazia limpar mato! Mato eu nunca limpei não! Graças a Deus. Porque o tempo não dava, né?”. (Dona Benedita, Largo do Açude Velho) (fita 22, pg.4)

Dona Benedita foi entrevistada com seu esposo, senhor Cláudio. Ele migrava para Pernambuco e ela ficava com os filhos, em casa. Sua entrevista foi longa e ela chorou muito, principalmente quando lembrou do modo como a madrastra a maltratava. Não apenas o trabalho e a ausência de brincadeiras a deixaram triste, mas também a perda da mãe, que ocorreu quando ela tinha 03 anos de idade. Isso a tornou responsável pela casa e pelos irmãos e possibilitou o segundo casamento do seu pai com uma mulher que os tratava mal. Na sua entrevista, a perda da mãe e a relação com a madrastra constitui um eixo narrativo² importante que matiza as lembranças sobre o trabalho enquanto criança.

Sendo o trabalho uma experiência central da infância, não é apenas um passado vivido, mas permanece ao longo da trajetória do indivíduo bem como de novas gerações, como bem demonstram as narrativas de avós sobre a relação entre trabalho e a “boa educação” de crianças. D. Francisca narra com ênfase a educação dos filhos através do trabalho:

“Ah, da enxada pra escola, em casa nesse tempo não tinha essa história de viver em jogo não, só era de casa pro roçado, pra escola; os que queriam estudar muito só assinam o nome, pronto. Mas não criei filho meu que nem hoje em dia não: bebendo cachaça, fumando.; meus filhos nem fumam, puxam tudo a eu, nem pai também não fumava (Aponta para a casa ao lado da sua e comenta): olhe bebendo cachaça, fumando, respondendo aos outros. Eu me pabulo: criei meus filhos, e hoje em dia ignoro, não gosto nem dos meus netos porque.... ou é a época que é ou é as mães que não sabe educar (gesticula a cabeça com olhar reprovador; deixando claro que não concorda com a maneira da nora educar seus netos mostrando a sua nora que estava em pé no parapeito da janela, olhando o movimento da rua, totalmente alheia as

² A noção de eixo narrativo é retirada de Gattaz (1998 :876/877) : « Para o narrador, aliás, não é fácil este voltar-se sobre sua vida. O espaço interior é tenebroso por excelência. A sociologia, a psicologia e a psicanálise, revelaram a significação complexa angustiada que reveste o encontro do homem com a sua imagem. ; « A imagem é um duplo de meu ser, porém mais frágil e vulnerável, revestido de um caráter sagrado que o torna ao mesmo tempo fascinante e terrível. Como forma de domesticar esta imagem, surge ao depoente a necessidade de se apoiar sobre eixos narrativos, que orientam a construção de uma história coerente a partir da multiplicidade de imagens e conceitos estocados na estante infinda da memória. Assim, as características pessoais que o sujeito quer fazer constar como aquelas que melhor representam sua vida e os seus eventos-chave. Estes eixos temáticos determinam a interpretação teleológica que faz da vida o narrador no momento da entrevista » (

observações que sua sogra fazia) tá doido de menino em rua, boto pra fazer seja o que for; boto pra tirar capim para as galinha. É sou muito revoltada com a criação de hoje em dia. Meus filhos graças a Deus abençoe eles todos; ai tinha um velho que morreu lá no Surrão, Severino Joaquim, que ele dizia: que só foi eu quem soube criar, ele me conhece como Maria da Silva, só foi quem soube criar os filhos sem pai; porque eu criei meus filhos sem pai, porque ele vinha , voltava, passava um mês, dois, três voltava vinha voltava , num criou filho, não ia pro roçado, não botava a enxada nas costas, meus filhos que ia trabalhar se os filhos quisesse ir (...). (Dona Francisca)

O relato de dona Francisca tece críticas à forma da nora educar os seus netos e mostra seu orgulho em ter sozinha, (já que o marido estava ausente) educado os seus filhos segundo valores honrados na comunidade, ou seja, trabalhando e estudando. Como avó, Dona Francisca, reafirma valores de família, transmitindo a história de um passado vivido. Os avós, como coloca Barros, inspirada em Halbwachs³ assume a posição de mediadores no processo de manutenção da identidade grupal:

“Para Halbwachs transmitir uma história, sobretudo a história familiar, é transmitir uma mensagem, referida, ao mesmo tempo, à individualidade da memória afetiva de cada família e à memória da sociedade mais ampla, expressando a importância e permanência do valor da instituição familiar” (Barros,1989: 33).

A recorrência da experiência do trabalho nas lembranças da infância evidencia que embora as memórias são individuais, elas se orientam por uma memória coletiva do grupo que se expressa através de uma narrativa dominante que é a da “centralidade do trabalho”. Onde fica, então, a subjetividade do narrador? Ela se situa na forma de interpretar, atribuir significado às experiências comuns do grupo. Alguns ressaltam o sofrimento, outros são resignados, aceitando como algo natural ao modo de vida, muitas vezes representado na frase “era da criação mesmo”. Concordamos, com Woortmann,E.F. (1998:90) quando afirma: “sendo a memória do grupo constituída de narrativas, temos então, nessas, uma negociação de subjetividades com um pano de fundo estruturado”.

É através do trabalho que se disciplinaria os corpos, desenvolvendo a utilidade e a obediência de homens e mulheres, o que favorece o processo de reprodução das relações de trabalho capitalistas. No entanto, é também a ética do trabalho que orienta a formação de homens e mulheres dignos (as) e honestos (as), capazes de serem respeitados (as) pela comunidade e de reproduzirem a si próprios e à sua família. Se, de um lado, a disciplinarização dos indivíduos pelo trabalho é instaurada pela necessidade do processo de produção capitalista e do Estado em garantir a ordem social, de outro lado, o trabalho também se expressa como um valor construído pelo jogo de tensões, lutas e estratégias das classes populares em relação às classes dominantes. Como bem mostra Thompson a cultura de classe não se constitui apenas pelo lugar dos indivíduos no processo de produção e pelas determinações estruturais dos dominantes, mas também por noções e valores que orientam as ações dos indivíduos e grupos sociais. Assim embora a ideologia do trabalho como ordenador da vida social seja uma construção da classe burguesa, as classes populares incorporam-a como um valor moral que confere dignidade aos indivíduos e famílias.

Como compreender, então, o trabalho como um valor moral nas famílias camponesas? Segundo Woortmann (1990: 23), o trabalho, a terra e a família são indissociáveis e estão relacionados a princípios organizatórios centrais, como a honra e a hierarquia:

“ Pode-se opor esse tipo de sociedade às sociedades modernas, individualizadas e voltadas para o mercado; em outras palavras, pode-se opor uma ordem moral a uma ordem econômica”

Se a família camponesa é organizada como uma ordem moral, o trabalho das crianças não pode ser explicado pelos princípios da ordem econômica capitalista, mas por princípios de uma “ordem moral”, embora ele possa inviabilizar direitos básicos como a escolarização e um tempo exclusivo para jogos e brincadeiras, é também, concebido como parte de um modo de vida centrado na associação entre trabalho, família e terra.

Em muitos relatos enfatiza-se a vida sofrida, o trabalho intenso e árduo, a ausência de descanso, características que remetem a penosidade do trabalho sobre o corpo e a sociabilidade destes meninos e meninas. Em outros relatos, o trabalho é simbolizado como o melhor que os pais podiam oferecer e o melhor que tiveram na vida, assim, exaltando o trabalho como dignificador do homem e da mulher. O trabalho nas comunidades camponesas é mantido como elemento indispensável na socialização das crianças, e este se apresenta com o caráter disciplinador para os membros da família, pois é através do trabalho que os agentes são disciplinados, tornando-se homens e mulheres dignos(as), honestos(as), obtendo o respeito social de todos os membros da sociedade em que estão inseridas.

Sendo, portanto, o trabalho, o organizador social da produção no seio familiar, é apreendido como um valor moral que é transmitido de geração a geração. Nos termos de Neves (1999) o trabalho é um recurso de enquadramento moral dos pobres (camponeses, trabalhadores rurais e urbanos):

“Pela ausência de outras instituições de apoio, os trabalhadores e seus familiares se tornam constrangidos à reação diante de condições que consideram injustas e ilegítimas. Não dispondo de outras formas de expressão social e vivendo sob a suspeição da desqualificação, produto em grande parte do abandono e do insulamento, eles constroem uma imagem social fundada na honra do trabalho” (Neves, 1999, p.99).

A ideologia do trabalho na socialização de camadas populares remonta ao século XIX e segundo, alguns autores, justifica historicamente a inserção de um vasto contingente de crianças e jovens pobres no processo produtivo.

No caso das famílias camponesas, a iniciação no trabalho desde tenra idade é uma prática social que, além de uma necessidade da cooperação dos braços de toda a família para garantir a sobrevivência, representa um processo de aprendizagem de atividades associado à transmissão do trabalho como valor que constitui homens e mulheres honradas, como é recorrente em inúmeras narrativas das mulheres e dos homens. Assim, mesmo em famílias empobrecidas, que já não são donas da terra e trabalham em diminutos pedaços em terras de outros, o trabalho de crianças permanece como um valor central na socialização, regulando o comportamento e definindo a identidade dos indivíduos e da família. Quais são os denarcadores da identidade de homens e mulheres honradas? Woortmann (1990 : 23) associa a honra à relação entre terra, família e trabalho:

A honra permite estabelecer um « um nexos entre os ideais da sociedade e a reprodução destes ideais no indivíduo através de sua aspiração de os personificar » (Pitt-Rivers ⁴, 1975, p. ;13-14 apud Fonseca, 2000 :15)

⁴ Pitt- Rivers, J. Honra e posição social. In: Peristiany, J.G. (org.) Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1973.

No caso das famílias camponesas, há a honra relacionada ao sentimento individual e familiar, ou seja, o « esforço de enobrecer a própria imagem » segundo as normas socialmente estabelecidas. O pai ou mãe que não educa as crianças através do trabalho coloca em risco a sua imagem no grupo. O caso de Marli, residente no Sítio Salvador é um exemplo de perda de honra. O marido a abandonou com quatro filhos, ela teve relacionamentos com outros homens e, após dois anos da separação do marido, nasceu-lhe o quinto filho. Desde que o marido partiu, ela não trabalha mais no roçado. Tem um emprego como faxineira numa escola primária rural, e está fora a maior parte do dia. As cinco crianças, com idade entre 3 a 14 anos, são deixadas em casa, sem nenhuma comida. Os parentes e vizinhos comentam que Marli não se preocupa com os filhos e não os educa através do trabalho no roçado. Seu filho primogênito, de 14 anos, ocupa a maior parte do dia brincando com outras crianças. As crianças são discriminadas e consideradas « sem educação » pelos parentes e vizinhos do sítio⁵.

A socialização de meninos e meninas através do trabalho familiar no roçado é, assim, uma prática de constituição do ser, ou seja, de constituição de identidades individuais que garantam tanto a imagem do indivíduo e da família quanto as interações sociais dentro do grupo social.

⁵ Para analisar outros casos de mulheres chefes de família que são classificadas como honradas veja Menezes, 2002: 103-108)